Livro didático de Língua Portuguesa: contribuições e implicações em sala de aula nas séries iniciais

Priscila Ribas Sá* Lúcia Gracia Ferreira**

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar e analisar as contribuições e implicações do uso do livro didático de Língua Portuguesa na prática docente em sala de aula do ensino fundamental - anos iniciais. Para isso, refletimos sobre a importância do livro didático de Língua Portuguesa como instrumento que está presente na sala de aula, para o ensino da leitura e da escrita, mas que, muitas vezes, apresenta algumas implicações na sua utilização, sendo empregado como o único recurso na prática docente, mesmo tendo em vista que este não dá conta das especificidades, da diversidade e das características de cada turma. A pesquisa realizada teve uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório, com aplicação de questionário com perguntas abertas e análise documental (livros didáticos de Língua Portuguesa). Foi desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental anos iniciais, do município de Itapetinga-Bahia. Os resultados da pesquisa apresentaram que o uso do livro didático na prática docente de maneira responsável, criativa e crítica contribui na aprendizagem dos alunos, mas sugere que a escolha e a utilização do livro didático de Língua Portuguesa devem ser seguidas de formação continuada dos professores, pois essas etapas são cruciais para um bom andamento do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Prática docente. Aprendizagem. Livro didático de Língua Portuguesa.

Introdução

Este trabalho surgiu do desejo de conhecer melhor como acontece a utilização do livro didático (LD) de Língua Portuguesa na prática docente nos anos iniciais. Ultimamente, muito se tem ouvido, na mídia, sobre como os alunos chegam, cada vez mais, aos anos finais do ensino fundamental -, ao ensino médio e até mesmo à uni-

> Recebido: 16/06/2014 - Aprovado: 20/10/2014 http://dx.doi.org/10.5335/rep.v22i1.5195

- Pedagoga pela UESB/Itapetinga. E-mail: priscilasa@hotmail.com
- Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: luciagferreira@hotmail.com

versidade com grandes dificuldades de leitura e escrita. Os alunos deveriam terminar a escolaridade obrigatória sendo capazes de ler, criticar textos de outros e tendo o domínio da escrita para resolver questões práticas. Mas, isso ainda está fora da realidade da escola pública. Por isso, o interesse em fazer um estudo para saber como esse instrumento de ensino e de aprendizagem vem sendo utilizado nas aulas de Língua Portuguesa nos anos iniciais e levantar uma discussão sobre as suas contribuições e implicações na prática docente, para entendermos o reflexo disso no futuro.

Assim, o trabalho teve como objetivo geral identificar e analisar as contribuições e implicações no uso do livro didático de Língua Portuguesa na prática docente em sala de aula do ensino fundamental – anos iniciais. O resultado dessa investigação contribui para o processo ensino-aprendizagem, pois, ao se conhecer como ocorre a utilização do livro didático de Língua Portuguesa em sala de aula, se poderá tecer considerações importantes que possam contribuir na reflexão dos profissionais envolvidos com a problemática.

Com a introdução de políticas públicas ao longo dos anos, o livro didático, hoje, se tornou um instrumento acessível aos alunos da rede pública de ensino. E mesmo com as transformações da sociedade e da educação ele ainda marca significativamente a vida da criança. Mesmo com tamanha importância ao livro didático, vale salientar que esse se tornou um componente do trabalho do professor como mediador na construção do conhecimento, mas cabe lembrar, também, que esse instrumento é apenas um facilitador da aprendizagem.

Esclarecemos que, quando o professor utiliza o livro didático na prática docente, ele precisa reconhecer as limitações desse instrumento e deve ter consciência da necessidade de incluir em sua rotina diária de trabalho, momentos para a reflexão e reconstrução do que está impresso. Com isso, ele deixará de ser um mero transmissor de conteúdo e tornar-se-á um profissional envolvido e crítico. Assim, "a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção de informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação" (LIBÂNEO, 2007, p. 26). E, quando se trata do livro de Língua Portuguesa, essa criticidade ainda precisa ser maior, devido à necessidade de alfabetizar e letrar os alunos, possibilitando-os tornarem-se seres críticos para atuarem na sociedade.

Por isso, ainda que o livro didático de Língua Portuguesa seja reconhecido como indispensável, é preciso analisar suas recomendações para não enfadar tanto o professor quanto o aluno, ao apresentar uma estrutura mecânica de texto, de interpretação, de ortografia e de gramática de forma sequenciada. Assim, segundo Melo (2008), cabe ao professor ser dinâmico para encontrar formas atrativas de apresentar o material, de maneira que se torne aprazível para ambas as partes. Para isso, é necessário que o professor esteja atualizado, se mostre reflexivo e bem preparado para poder valer-se de um livro monótono e transformá-lo, numa ferramenta útil e eficaz em suas aulas.

O livro didático de Língua Portuguesa desperta diversos sentimentos nos professores. Por um lado é um recurso muito importante no processo de ensino e aprendizagem, pois ele orienta a prática docente quanto ao que vai ser aplicado na sala de aula; mas, por outro, ainda há críticas a esse instrumento por ele ser ineficaz para o nível em que o aluno encontra-se hoje. Por isso, consideramos essa pesquisa relevante para a compreensão de como o livro didático de Língua Portuguesa pode contribuir ou dificultar a prática docente.

Com base na metodologia qualitativa realizou-se uma pesquisa na Escola Municipal Bem-Me-Quer¹, no município de Itapetinga-BA. Optou-se por esse local por ele apresentar características relevantes para a confiabilidade da pesquisa, tais como: apresentar um quadro de professores com muitos anos de experiência na docência: atender alunos dos anos iniciais do ensino fundamental e ser uma escola pública que é atendida pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Os sujeitos investigados foram nove professores dessa escola que aceitaram participar da pesquisa. A Escola Bem-Me-Quer atende alunos do 2º ao 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental e está localizada em um bairro periférico do município de Itapetinga-Bahia. Essa unidade de ensino tem uma boa estrutura física, composta de sete salas de aula, uma cozinha, um depósito, dois banheiros, rampas de acesso, uma sala de leitura, uma sala de informática, uma sala de professores, a secretaria e a diretoria, um espaço para recreação com quadra.

Nesse sentido, utilizamos para a coleta de dados instrumentos como o questionário e a análise documental. O questionário continha perguntas abertas que nos possibilitou conhecer: o perfil dos sujeitos, como é escolhido o livro didático de Língua Portuguesa, os critérios utilizados na escolha do livro e quem escolhe o atual livro didático de Língua Portuguesa, se o livro didático escolhido está de acordo com a realidade do aluno, com que frequência o professor utiliza o livro em sala de aula e as contribuições e implicações do uso do livro didático de Língua Portuguesa na prática docente. Foi realizada também a análise do livro didático de Língua Portuguesa de todos os anos escolares, adotado pela escola, observando a estrutura, a organização e a proposta didática.

Assim, iniciamos a coleta de dados no mês de maio de 2013 na escola de ensino fundamental, que possui no seu quadro docente 12 professores, mas só foram entregues 10 questionários, pois duas professoras se negaram a participar da pesquisa. Para não influenciar os sujeitos da pesquisa, resolvemos dar um prazo para devolução dos questionários.

Ainda solicitamos à direção da escola o acesso aos livros de Língua Portuguesa para a análise. Para tal, foram analisadas página por página e anotamos tudo que víamos e fizemos as inferências. Analisamos, as cores, os textos, os exercícios, o conteúdo, as figuras, etc. Os livros analisados são da Coleção Ápis, da editora Ática. Essa coleção de cinco volumes está dividida em duas partes: os três primeiros volumes do 1º ao 3º ano destacam o trabalho de letramento e alfabetização, os livros são consumíveis, as letras são de imprensa maiúscula, os textos aumentam gradativamente no tamanho e na complexidade, apresentam uma diversidade de gêneros textuais e são bastante ilustrados. Os dois últimos volumes, do 4º e 5º anos, dão continuidade à alfabetização e ao letramento, mas enfatizam a reflexão sobre os conhecimentos linguísticos, de modo mais sistemático, com conteúdos ampliados e um pouco mais complexos acerca dos estudos gramaticais, mostrando-se diferentes dos primeiros volumes, estes não são consumíveis, os alunos respondem as questões no caderno.

A análise dos dados foi realizada a partir da apreciação de conteúdo, mais especificamente por meio de uma categorização. Baseou-se em uma cautelosa leitura de todas as respostas dos professores e de uma minuciosa análise do livro de Língua Portuguesa. Posteriormente, fizemos uma relação com as respostas das professoras e o que observamos no livro didático de Língua Portuguesa, para melhor compreender as contribuições e implicações do seu uso nos anos iniciais do ensino fundamental.

Sobre o livro didático de Língua Portuguesa no ensino fundamental - anos iniciais

A essência da escola deve estar pautada em um trabalho que promova a construção de conhecimentos necessários para que o aluno, ao longo do seu período escolar, se desenvolva e tenha autonomia e criticidade. Para isso, idealiza-se uma escola que aborde de maneira significativa os conhecimentos prévios e a construção de novos conhecimentos. E os livros didáticos têm contribuído de diferentes formas para a efetivação dessa função social da escola. No entanto, como já enfatizado, ao lado das contribuições, consequentemente, aparecem diversas implicações na utilização desse recurso na prática docente. Então, a análise e a interpretação dos dados abaixo nos permitiram compreender como essas questões são vistas por professores dos anos iniciais do Ensino fundamental.

Nesta seção, portanto, proporcionaremos a interpretação e a análise do material empírico, por meio do qual foi possível conhecer os sujeitos que participaram da investigação; discutir a relação que eles estabelecem com o livro didático de Língua Portuguesa; compreender as contribuições e as implicações desse recurso no processo ensino-aprendizagem a partir das falas dos sujeitos investigados e da análise do livro de Língua Portuguesa adotado pela escola. Para tanto, foi necessário o exame do material a partir de quatro eixos: 1) perfil das colaboradoras, 2) escolha do livro didático, 3) utilização do livro didático e 4) livro didático adotado.

Ainda é importante destacar que, dos questionários enviados, obtivemos um retorno de nove questionários e o acesso a todos os livros da Coleção Ápis (anos iniciais), o que caracteriza uma amostra significativa para análise e interpretação dos dados.

O perfil das colaboradoras da pesquisa

Os novos tempos da educação exigem profissionais que possuam uma visão crítica do processo ensino-aprendizagem, configurando na melhoria da qualidade do ensino por intermédio da prática docente democrática. Desse modo, para compreender os processos sobre o livro didático de Língua Portuguesa que ocorrem no espaço educacional é importante saber quem são as pessoas que fazem parte desse universo. Por isso, a necessidade de traçar o perfil dos professores investigados.

A Tabela 1 delineia a caracterização dos profissionais que contribuíram para complementar a análise desse estudo.

Tabela 1 – Caracterização dos profissionais que contribuíram no acréscimo da pesquisa

Identificação	Idade	Escolaridade	Pós- Graduação	Tempo de atuação
Açucena	_	Superior Completo/Pedagogia	Psicopedagogia	26 anos
Rosa	_	Nível Médio/ Magistério		19 anos
Margarida	33	Superior completo/ Letras		16 anos
Angélica	_	Superior completo/Pedagogia		28 anos
Violeta	38	Superior completo/ Pedagogia	Gestão Escolar	13 anos
Orquídea	38	Superior completo/ Pedagogia		19 anos
Liz	38	Superior completo/ Pedagogia		18 anos
Begônia	53	Superior completo/ Pedagogia		33 anos
Hortênsia	45	Superior completo/ Pedagogia		15 anos

Fonte: dados da pesquisa.

Os professores foram identificados com nomes fictícios, sendo: Margarida, Angélica, Orquídea, Violeta, Liz, Açucena, Begônia, Hortênsia e Rosa.

Todas as professoras da Escola Bem-Me-Quer são do sexo feminino, isso aponta para a grande representatividade das mulheres atuando em sala de aula. Esse perfil no magistério nos leva a pensar em fatores que fazem da docência uma profissão tão feminina. Acreditamos que essa configuração tem raiz histórica. Segundo Leon (2009), na década de 1920, a escola começou a ser vista como um lugar que poderia orientar os alunos no cuidado com o corpo, na disciplina e na formação moral. É nesse contexto que surge a mulher como professora, pois uma boa "mãe" poderia ensinar todas essas questões como se a escola fosse a extensão de sua casa. "Com a implementação deste discurso, a mulher passa a ser professora ideal, pois apresentava melhores condições para atuar em tal espaço, considerando as suas experiências de mulher" (LEON, 2009, p. 45). E com o passar do tempo ganhou espaço no magistério e hoje domina essa profissão, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

No pensamento de Vianna (2001), além de a escola reproduzir estereótipos em relação à mulher, o gênero feminino no magistério tem relação também com as condições precárias de trabalho e aos baixos salários. Desse modo, entendemos que as condições difíceis de trabalho e os salários abaixo da média das profissões ditas masculinas, são também reflexos da discriminação de uma profissão que é liderada por mulheres.

Nessa mesma perspectiva, procuramos conhecer também a faixa etária dos sujeitos da pesquisa, algumas optaram por não revelar a idade², mas mesmo com esse desfalque quando relacionamos faixa etária ao tempo de atuação, observamos que cinco professoras iniciaram as carreiras ainda muito jovens, na faixa de vinte anos de idade.

Quando analisamos o tempo de atuação, identificamos que seis das professoras pesquisadas possuem entre treze e dezenove anos de atuação e três já têm de 26 a 33 anos de serviço no magistério. Isso revela uma experiência considerável na docência das professoras investigadas. Sabemos que a experiência contribui no sentimento de confiabilidade, ou seja, a pessoa que trabalha muitos anos em uma profissão se sente mais competente no decorrer dos anos. Conforme Costa e Oliveira, "o sentimento de pertencimento profissional vai sendo construído ao longo do tempo e é marcado pelo contexto de trabalho e de vida do professor" (2007, p. 27). Diante disso, ressaltamos que devido às professoras terem significativa experiência no magistério, já adquiriram conhecimentos necessários para desenvolver uma prática docente pautada na responsabilidade, no respeito, no profissionalismo e no desejo de estar sempre se aperfeiçoando.

No questionário, procuramos também conhecer a formação dessas professoras e identificamos que oito das docentes possuem formação superior. Observamos a superioridade da formação dos professores em Pedagogia com sete. Apenas duas colaboradoras declararam terem cursado pós-graduação. A formação é necessária para que o professor perceba as mudanças ocorridas ao seu redor e desenvolva habilidades para atuar de forma significativa no espaco educacional. Diante disso, com a experiência dessas professoras, podemos dizer que elas têm muito a expressar sobre o livro didático na prática docente, pois é uma relação construída durante muitos anos.

O livro didático de Língua Portuguesa: descobertas e relações

O professor não deve reproduzir conhecimentos, mas, deve ser crítico de maneira que transforme a sua ação diária em momentos importantes para a construcão de novos conhecimentos. Nesse sentido, destacamos mais uma vez que o livro didático é um dos recursos de ensino mais presentes no cotidiano da sala de aula e estabelece um dos subsídios básicos no preparo do trabalho docente. Por isso, a importância na escolha desse material que será utilizado por três anos.

Diante disso, a seguir, apresentaremos e discutiremos os resultados da pesquisa referente às escolhas e à utilização do livro didático de Língua Portuguesa, assim como suas implicações e contribuições nos anos iniciais do ensino fundamental.

Escolha do livro

Hoje, os professores já têm o suporte do Guia do Livro Didático, que traz as resenhas, as informações e os critérios para a escolha do livro. Dessa forma, entendemos que os avanços estão acontecendo, mesmo que lentamente. Mas, segundo o Pró-Letramento (2008), as escolhas feitas nas redes públicas de ensino nem sempre estão em consonância com as recomendações dadas pelos Guias do PNLD.

Desse modo, indagamos às professoras sobre a escolha do livro didático de Língua Portuguesa e os critérios utilizados para tal. Elas, em sua maioria, disseram que as editoras enviam os livros para a escola e, em reunião, elas escolhem o de melhor interpretação, compreensão e que atenda à necessidade do seu aluno, mas, que esse ainda pode não ser o que vai permanecer na escola, pois essa escolha da escola é enviada para a Secretaria de Educação e em outra reunião com representantes das escolas municipais é realizada a escolha da coleção para a toda a rede. Em nenhuma das respostas, encontramos referência ao Guia do Livro Didático. As investigadas se expressaram da seguinte maneira, no que diz respeito à escolha e aos critérios utilizados na seleção do livro:3

Chega na escola vários exemplares, ao final de cada 3 anos e é escolhido entre as professoras o de melhor interpretação e compreensão, mas o que nós escolhemos não foi o adotado (Angélica).

Em uma reunião analisamos vários livros das diversas editoras e é escolhido o mais apropriado para realidade da escola, porém a escolha final acontecerá em uma reunião com representantes das escolas, o mais votado é o adotado (Orquídea).

Várias editoras propagam seus livros, depois cada escola manda dois representantes levando duas opções escolhidas pelos educadores daquela instituição. Depois acontece uma reunião em rede, discute-se as opções e a maioria é escolhida (Violeta).

Buscamos um livro que esteja mais próximo da realidade do aluno para que sua compreensão seja facilitada (Rosa).

Normalmente, escolhem-se os que mais atende ao público (Açucena).

Diante disso, analisamos que a escolha única, orientada pela Secretaria de Educação, talvez não corresponda a um processo genuinamente participativo e democrático, pois, segundo Orquídea, a escolha se baseia na realidade da escola, que consideramos importante, contudo, nem sempre o livro escolhido é o que as professoras entenderam como interessante para o desenvolvimento do trabalho docente em sua realidade. Mesmo se tratando de escolas da rede pública de ensino, isso não significa que elas sejam homogêneas, cada escola, cada turma tem suas individualidades que devem ser consideradas no momento da escolha do livro didático. Para D'Avila "O professor deve estar consciente de que o manual escolar que escolher esteja concatenado com as necessidades de sua turma, em consonância com seu nível cognitivo e linguístico, considerando-o um instrumento de apoio, dentre outros, no processo educativo escolar" (2008, p. 107).

Conforme a autora, entendemos que para o livro adotado contribuir no processo de ensino-aprendizagem, é importante que esse seja escolhido com base na realidade cognitiva e linguística da turma. Assim, percebemos que uma escolha em rede pode não atender às necessidades específicas de cada instituição de ensino. As professoras investigadas terão que trabalhar por três anos com um livro que não consideraram relevante para as suas turmas, pois na fala de Angélica observamos que o escolhido no grupo não foi o adotado na rede. Cavéquia (2011) faz referência à importância de avaliar e escolher o livro didático e, ainda, discutir como isso pode ser feito.

Dessa forma, mesmo que exista um currículo como base para todas as escolas, deve-se respeitar as necessidades individuais e cada escola precisa estabelecer a sua própria proposta curricular, definindo os conteúdos mais significativos para o trabalho com a sua comunidade. Mesmo que a escolha única coleção de livro didático seja uma decisão da Secretaria de Educação, por motivos que essa pesquisa não nos permite aprofundar, é necessário que os professores sejam orientados a utilizar todos os critérios no momento da escolha.

Do mesmo modo, diante de uma escolha participativa, mas não democrática, as professoras afirmaram que são atendidas em sua escola pelo livro de Língua Portuguesa da Coleção Ápis do 2º ao 5º ano e, quanto ao atendimento às diferentes realidades, as repostas variam como se relata a seguir:

Sim. Porque pesquisamos e estudamos um livro que fosse alcançar as metas de cada um (Liz).

Sim e não. Pois é um livro muito bom que tem como objetivo desenvolver as habilidades e competências para os alunos do 2º, porém nem todo o aluno ainda alcançou as habilidades prévias, dificultando o trabalho (Angélica).

Sim, pois analisamos com bastante cuidado um livro que fosse de fácil compreensão para os alunos (Margarida).

Infelizmente, hoie são os alunos que não estão aptos para a série que estudam. Segundo algumas inovações na educação o aluno só poderá ser reprovado (caso não adquira as habilidades necessária) a partir do 3° ano. Esse novo sistema tem dificultado a compatibilidade da série adequada (Violeta).

O livro é bom, porém não está de acordo a realidade cognitiva dos alunos. Nos últimos anos o professor tem encontrado dificuldades para trabalhar com as competências da série em que o aluno se encontra, pois a maioria não possui os requisitos da série anterior (Orquídea).

Não. Pois os alunos têm grande dificuldade em ler. Normalmente os livros apresentam textos grandes e para quem já tem dificuldade fica difícil acompanhar a leitura e fazer a interpretação (Acucena).

Dentro das possibilidades, sim (Rosa).

Observamos diante das respostas, que o livro adotado pode ser considerado um bom material para o trabalho nas aulas de Língua Portuguesa, mas, segundo algumas professoras, ele não atende às necessidades cognitivas dos alunos. Pelo que entendemos, os alunos estão chegando sem a preparação prévia necessária para a série (ano) e isso, segundo elas, dificulta o trabalho com o livro didático. Segundo o fascículo do Pró-letramento (2008), é importante que as opções sejam feitas de maneira sensata e fundamentada na competência dos professores que, juntos com os alunos, vão fazer dele um instrumento de trabalho.

Portanto, entendemos que a escolha do livro ainda acontece de maneira arbitrária, pois ele é escolhido sem a participação de todos os atores do processo ensino-aprendizagem. Assim, entendemos que essa escolha deve partir de um consenso entre as partes interessadas, inclusive os alunos. Observamos que isso não acontece de fato na rede de ensino municipal de Itapetinga, especificamente na escola pesquisada.

Utilização

O livro didático em sala de aula, nos anos iniciais do ensino fundamental, tem sido utilizado de diferentes formas pelos professores. Alguns seguem a sequência do livro sem nenhuma modificação; outros, porém, não utilizam ou utilizam pouco, por considerar fora da realidade dos alunos, conforme resultados do estudo de Cavéquia (2011). Diante das posições supracitadas, procuramos compreender como acontece a utilização do livro didático de Língua Portuguesa em sala de aula, na Escola Bem-me-Quer, e, para isso, questionamos as professoras em vários aspectos sobre uso desse recurso em sala de aula. Ao perguntarmos com que frequência o livro de Língua Portuguesa era utilizado, as respostas foram as que seguem:

Procuro fazer o meu planejamento, sempre colocando o livro como instrumento de grande valia (Rosa).

O máximo dentre as possibilidades de resolução dos alunos (Açucena).

Segundas e quartas (Margarida, Liz, Hortênsia e Begônia).

Não utilizo ainda, pois não veio a quantidade suficiente para todas as turmas. Só eu tive acesso ao livro, os alunos ainda não (Orquídea).

No 4º ano sempre. Mas no 3º ano não temos, devido à demanda de o ano atual ter sido maior do que o livro foi pedido (Violeta).

Todos os dias (Angélica).

Diante dessas manifestações, identificamos uma variedade de respostas e percebemos que algumas professoras ainda não receberam o livro didático. Assim, um grupo de sete professoras segue uma rotina para trabalhar com o livro, ou seja, estipularam dias da semana para isso ou utilizam todos os dias. Esse expressivo resultado é semelhante ao encontrado por Cavéguia (2011), em que quatro das professoras disseram utilizar bastante o livro didático. Assim, constatamos que o livro é muito utilizado na escola.

Quando perguntadas sobre as implicações na utilização do livro didático de Língua Portuguesa, as professoras foram unânimes ao dizer que a maior implicacão encontrada na utilização desse manual é a não alfabetização dos alunos, pois eles não sabem ler e escrever. Para elas, isso dificulta ainda mais o trabalho voltado para o livro didático, pois esse está longe da realidade cognitiva dos educandos, conforme exemplificado a seguir:

A única dificuldade apresentada é o fato do aluno que não dominar o sistema de leitura e escrita (Liz).

É justamente a dificuldade de o aluno interpretar os enunciados, pois, muitas vezes, os textos são muito extensos e não permite a compreensão dos alunos (Begônia).

Os alunos não acompanham os enunciados do livro, eles possuem muitas dificuldades e isso atrapalha o trabalho com a utilização do livro na sala de aula (Hortênsia).

A maior dificuldade no trabalho com o livro didático de Língua Portuguesa é que a maioria dos alunos ainda não sabe ler e escrever e o livro possui textos extensos com enunciados de difícil compreensão por parte das crianças (Violeta).

As professoras apresentam a falta de conhecimento prévio dos alunos como a maior dificuldade encontrada no trabalho com o livro didático de Língua Portuguesa. Elas acreditam que os enunciados e os textos longos atrapalham o processo ensino-aprendizagem, visto que, se os alunos não são alfabetizados, logo terão dificuldade de leitura, interpretação e escrita. Compreendemos a angústia das professoras, mas o livro não precisa ser seguido à "risca". Se o livro didático adotado não corresponde à realidade cognitiva do aluno, é necessário que sejam feitas adaptações a partir dos textos, buscando trabalhar com a oralidade e com a escrita, sempre fazendo as intervenções necessárias para que esses consigam alcançar êxito no seu processo de aprendizagem.

Diante disso, voltamos novamente a um ponto importante desse trabalho, a realidade cognitiva dos alunos, que também está no estudo de Cavéquia quando afirma que "as críticas feitas pelos sujeitos em relação às falhas do livro dizem respeito, principalmente, à escassez de atividades de ortografia e gramática e à proposição de textos longos para leitura" (2011, p. 74, grifo nosso). Assim, a falta de pré-requisitos dos alunos seria um reflexo de outras situações vivenciadas pelos docentes.

Já no entender de D'Ávila (2008), outros fatores influenciam nessa questão como as condições de trabalho, a má formação, os baixos salários e a falta de valorização desses profissionais que se reflete na aprendizagem do aluno. Por isso, é importante que os professores se tornem reflexivos, críticos, autônomos e criem vozes para serem ouvidos e valorizados, pois, como a desvalorização e o desrespeito influenciam no ensino-aprendizagem, é possível que o contrário possa estimular esses profissionais ao ponto de transformar a atual conjuntura do cenário educacional.

No pensamento de D'Ávila (2008), diante das lacunas deixadas no livro didático, sempre existe espaço para o professor agir com autonomia. Assim, enfatizamos no decorrer deste trabalho que o livro didático deve ser visto como uma referência para a prática docente, mas ressaltamos também a cautela ao utilizá-lo, pois ele é um aliado no processo ensino-aprendizagem que não deve tirar a autonomia do professor. Por isso, argumentamos que, mesmo com um livro bom ou ruim, atendendo ou não a realidade dos alunos, é preciso que o professor perceba essas questões no manual e transforme os aspectos ruins em bons, a partir de uma visão ampliada com a finalidade de formar alunos capazes de seguir o seu caminho escolar, adquirindo as habilidades necessárias no processo de construção de seu conhecimento.

Segundo o fascículo do Pró-Letramento (2008), é importante que se exija a qualidade do livro, pois as suas contribuições na aprendizagem dos alunos dependem desses fatores. Por isso que enfatizamos a importância da escolha desse recurso, pois uma vez adotado, se não for uma opção dentro das possibilidades dos alunos, o professor precisa fazer uso de outros recursos, buscando promover a aprendizagem dos alunos. Para isso, precisará ser mediador e criativo e, se os alunos ainda não desenvolveram as competências de leitura e escrita, será necessário que o professor busque alternativas que despertem o interesse do aluno, mesmo usando o manual.

Em nossa investigação, procuramos saber das professoras sobre as contribuicões do livro didático de Língua Portuguesa para a prática docente. Elas responderam de maneira homogênea:

O livro didático de Língua Portuguesa é muito importante, pois dá suporte ao trabalho docente, contudo não pode ser o único instrumento do professor (Begônia).

O livro didático é o instrumento de referência para o trabalho do professor, cabe ao professor usá-lo como um meio efetivo para o desenvolvimento das habilidades básicas de ler, escrever, ouvir e falar do aluno (Angélica).

Contribui na interpretação e na compreensão de textos (Margarida).

Diante das respostas, notamos a importância dada ao livro didático de Língua Portuguesa. As professoras entendem que esse instrumento é um suporte em suas práticas e que não deve ser visto como o único recurso de trabalho, apesar de sua relevância para o desenvolvimento de algumas competências básicas no processo de aprendizagem. Desse modo, percebemos que o grupo docente da Escola Bem--me-Quer valoriza o livro didático, mas utiliza outros recursos para desenvolver o seu trabalho. Isso foi ressaltado por Cavéquia, quando verificou nos enunciados dos participantes de sua pesquisa que "os professores reiteram seus dizeres sobre o fato de o LD ser um importante instrumento de trabalho na sala de aula, mas que não deve ser o único recurso utilizado" (2011, p. 108).

Ao mesmo tempo em que o livro didático implica no ensino, quando utilizado como recurso exclusivo na prática docente, ele também contribui, quando utilizado como um suporte para o planejamento docente, direcionando-o para um melhor aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem. Quando usado de modo exclusivo, pode atrapalhar a aprendizagem dos alunos que, apesar das dificuldades de leitura e escrita, precisam ter contato com as mais variadas formas de informações. Ele beneficia para uma maior clareza em relação aos objetivos de ensino, favorecendo melhor desempenho no processo de alfabetização e letramento, uma vez que, com o avanço positivo das novas orientações tomadas por alguns dos livros, é possível observar a contribuição desse recurso no processo de aprendizagem.

Conhecendo a Coleção Ápis de Língua Portuguesa

Os livros de Língua Portuguesa que analisamos são da Coleção Ápis (BOR-GATTO; BERTIM; MARCHEZI, 2011), da editora Ática, se trata da 1ª edição dessa coleção. Esta coleção foi adotada por toda rede de ensino municipal de Itapetinga--Bahia e foi elaborada para atender os sujeitos que atuam em sala de aula dos anos iniciais do Ensino fundamental. A nossa análise partiu do interesse de conhecer a coleção adotada para diagnosticar as contribuições e as implicações para/ou na prática docente, pois sabemos que as professoras utilizam esse recurso para desenvolver suas aulas. Desse modo, conhecendo o material, nos aprofundamos mais no estudo e pudemos tecer comentários sobre a coleção utilizada pelas professoras pesquisadas.

Fizemos a análise da coleção, observando a aparência, os aspectos pedagógicos, os pontos positivos e os negativos e como está dividida. É importante salientar que não analisaremos o 1º volume, pois a escola não atende a turmas de 1º ano.

Ápis 2º e 3º ano (letramento e alfabetização)

O segundo e o terceiro volumes dessa coleção são denominados de letramento e alfabetização, as capas são de cor vermelha e laranja com desenhos ilustrativos de cor verde. As autoras apresentam os livros, inicialmente, com um fragmento do texto Poesia e prosa, de José Paulo Paes. Em uma pequena mensagem de incentivo, elas dizem que a coleção foi elaborada para os alunos aprenderem com prazer. Em seguida, é apresentado o sumário, dividido em unidades. O segundo volume tem 272 páginas direcionadas aos alunos e o manual do professor é composto por 62 páginas. O terceiro volume apresenta 280 páginas direcionadas aos alunos e o manual do professor também é composto de 62 páginas. Não notamos na análise desses volumes o incentivo ao consumo de produtos comerciais e observamos que não se trata de um livro racista, pois apresenta imagens das diversas etnias.

Observamos que esses volumes estão divididos em unidades, sendo que cada unidade é iniciada com a apresentação de um gênero textual que serve como base para uma sequência didática dividida em seções: interpretação do texto, produção de texto, estudos gramaticais, palavras em jogo e a hora da diversão.

Ressaltamos que o Volume 2 trabalha com algumas competências necessárias à apropriação da base alfabética, tais como reconhecer o som das sílabas, das rimas, das terminações de palavras, das letras do alfabeto e de algumas correspondências entre escrita e som das letras, com atenção principal para a aprendizagem de algumas convenções ortográficas. Acreditamos que, ao enfatizar os sons, o livro está ajudando os alunos a construírem a consciência fonológica. Cabral e Pessoa entendem a consciência fonológica como "um conjunto de habilidades metalinguísticas que permitem ao indivíduo refletir sobre os segmentos das palavras em diferentes níveis: silábico, intrasilábico e fonêmico" (2012, p. 11). Assim, este volume procura trabalhar de forma que os alunos aprendam por meio da reflexão. Para que eles desenvolvam essa consciência, as autoras deram mais ênfase aos gêneros: letra de música, poesia e parlenda, por serem textos que apresentam muitas rimas, mas o volume apresenta também os gêneros: fábula, carta, texto instrucional e texto informativo. Neste volume não se dá ênfase aos aspectos gramaticais, mas percebemos um destaque maior para o uso da ortografía.

O terceiro volume apresenta uma maior diversidade de gêneros textuais como: história em quadrinhos, poema, prosa, fábula, conto, relato pessoal, carta, texto instrucional, reportagem e texto teatral. Amplia, também, o trabalho com as regras ortográficas, além de introduzir alguns conhecimentos gramaticais, como: substantivo próprio e comum, sinônimos e antônimos, feminino e masculino, pontuação, ou seja, a gramática ainda é muito presente no livro denominado letramento e alfabetização.

A ludicidade é apresentada na seção A hora da diversão. Esse momento envolve brincadeiras com trava-língua, jogo dos sete erros, cruzadinhas, leitura de textos humorísticos, entre outros. Sabemos que a ludicidade é importante no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, o Guia do Livro Didático mostra a parte lúdica dos livros como um destaque da obra.

O manual do professor traz fundamentos teóricos importantes para o desenvolvimento do trabalho docente e apresenta conceitos necessários como: o de alfabetização, o de letramento, o de estudos sobre gêneros textuais na escola, de ludicidade, de sequência didática e, elucida, ainda, outras questões importantes para o ensino.

Então, observamos nessa coleção elementos importantes no apoio ao trabalho docente, pois notamos uma variedade de gêneros textuais nesses volumes. Segundo D'Ávila (2008), os livros de Língua Portuguesa tem apresentado diversos gêneros textuais, atendendo ao que pregam os Parâmetros Curriculares Nacionais. Em nosso entender, isso está acontecendo porque o livro didático de Língua Portuguesa é um dos mais requisitados no mercado e isso interessa às editoras por ser um comércio lucrativo.

Segundo Oliveira (2008), nos últimos anos, as editoras tem tentado melhorar a aparência e os aspectos pedagógicos do livro didático para justificar as vendas. Mas, mesmo fazendo uma análise favorável aos volumes supracitados, ressaltamos que ele não deve ser o único recurso utilizado pelas professoras, pois os alunos precisam ter outras experiências no seu cotidiano escolar para aumentar o seu repertório de conhecimento. Oliveira (2007) reconhece que, mesmo um recurso sendo de excelente qualidade, pode não ser tão eficaz.

Ápis 4º e 5º ano

Quanto ao quarto e ao quinto volumes, a aparência é a mesma dos volumes anteriores. As autoras os apresentam com o mesmo fragmento de texto dos volumes anteriores e a mesma mensagem. Os livros estão divididos em oito unidades didáticas e as seções são: abertura, gênero, texto: leitura e interpretação (compreensão do texto/linguagem e construção de texto), ampliação da leitura e da oralidade, produção de texto escrito e estudos gramaticais e sistema de escrita. O quarto volume possui 216 páginas e o quinto possui 264 páginas. O manual didático de ambos é composto de 64 páginas.

Notamos que nesses volumes aparecem a gramática e a ortografia de maneira mais sistematizada, ou seja, os conteúdos gramaticais estão mais ampliados e com maior grau de complexidade. Esses conteúdos são sempre introduzidos a partir de um fragmento de texto e as atividades propostas partem também de fragmentos textuais.

Observamos, nesta coleção, que o trabalho com a oralidade não é muito explorado, quando isso acontece é com questões simplórias que não desenvolvem a oralidade dos alunos e, na maioria das vezes, são relacionadas aos aspectos gramaticais ou ortográficos. De outro modo, tem-se muita ênfase na leitura e na escrita de maneira articulada, procurando desenvolver essas habilidades nos alunos.

Assim como os volumes anteriores, as unidades didáticas são organizadas por gêneros. Mas, observamos que tanto o quarto quanto o quinto volume apresentam uma unidade prévia, que, em nosso entendimento, tem como objetivo preparar os alunos para as propostas que serão oferecidas no decorrer do livro. A unidade prévia do quarto ano traz o gênero história em quadrinhos e a do quinto volume uma letra de música.

Os gêneros trabalhados no quarto volume são: diário pessoal, blog, notícia, conto de mistério, página de diário oficial, lenda, cartaz de propaganda, poemas e texto informativo. Observamos que os gêneros vão aumentando o nível de dificuldade de um volume para outro, pois no quinto volume os gêneros trabalhados são mais elaborados, entre eles estão: texto de informação científica, crônica, reportagem, relato de memória, poema, carta pessoal, cartão pessoal, história de ficção científica e peça teatral.

Assim, analisamos que os volumes avaliados contribuem para o desenvolvimento cognitivo, pois apresentam diversos gêneros textuais que ampliam o conhecimento de mundo dos alunos, embora, deem muita importância aos aspectos gramaticais. Para Oliveira, "a possibilidade de que a ênfase em aspectos normativos e gramaticais pode ser uma dessas dificuldades, provocando descontinuidades no processo de alfabetização e letramento" (2007, p. 113). Sabemos que, no mundo atual, a escola deve preparar o aluno para atuar de forma crítica no meio em que vive, por isso, entendemos que o ensino da gramática em excesso não contribui para a formação de um cidadão que atenda aos padrões da atual sociedade.

Essa pesquisa mostrou que o livro didático continua sendo um recurso muito utilizado na prática docente e ainda é considerado um instrumento que coopera no planejamento e busca desenvolver habilidades cognitivas dos alunos. Porém, mostrou também que não deve ser utilizado como o único recurso pelo professor, pois ele não atende a todas as necessidades de aprendizagem dos discentes. Apontou, ainda, a dificuldade das docentes em desenvolver as atividades propostas pelo livro didático de Língua Portuguesa nos primeiros anos do ensino fundamental, uma vez que, os alunos vinham apresentando muitas dificuldades de leitura e escrita, o que implica na compreensão dos textos.

A pesquisa constatou, também, que as editoras têm procurado se adequar às novas exigências em relação a esse recurso, desenvolvendo livros que são considerados bons para o trabalho docente. Avaliou-se a Coleção Ápis de Língua Portuguesa, da editora Ática, como interessante na contribuição do trabalho docente, mas surgiram questões que podem ser melhoradas nessa coleção, especialmente no que diz respeito à fragmentação dos textos do segundo e do terceiro volumes e ao excesso de gramática no quarto e no quinto volumes.

Considerações finais

O interesse em fazer um estudo sobre as contribuições e as implicações do livro didático de Língua Portuguesa na prática docente partiu da vontade de conhecer essa realidade na escola, para de alguma forma contribuir nas reflexões sobre o tema, pois sabemos da importância desse instrumento no trabalho docente de um modo geral.

Nesta pesquisa, enfatizamos que o livro didático não deve ser considerado como única fonte no direcionamento do trabalho docente, ele precisa ser reconhecido como um instrumento importante de apoio, mas, por melhor que seja esse material, é necessário que os professores procurem outras referências para atender à realidade do aluno. Os novos tempos não permitem mais professor "papagaio", que repete as recomendações do material didático sem questionar, tornam-se imprescindíveis a criatividade e a criticidade no trabalho com esse livro.

Outro fator importante que destacamos é a escolha desse material. Ao selecionar o livro didático, o professor precisa observar os mais diversos critérios apontados pelo Guia do Livro Didático. Esse subsídio em nenhum momento foi citado como referência na escolha do livro, isso nos leva a crer que as professoras não tiveram acesso a esse material. O guia não é o dono da verdade, mas direciona esse processo.

A escolha desse material precisa estar pautada na realidade dos atores da instituição escolar, pois as diferenças existem e precisam ser respeitadas, por isso, ao escolher o livro, a responsabilidade e o respeito são essenciais. Porém, para que esse seja escolhido dentro da própria realidade, é necessário que os profissionais criem vozes e autonomia, somente assim serão ouvidos ao ponto de os políticos, de os autores desses materiais didáticos, de as secretarias de Educação compreenderem que professores e alunos são os principais interessados na escolha do melhor livro possível. Foram as vozes dos professores e dos alunos que ajudaram a melhorar as condições do livro didático no Brasil.

Atualmente, há um grande número de livros didáticos que contemplam os diversos gêneros textuais, além de atividades que valorizam a reflexão do aluno. Porém, como vimos nessa pesquisa, os alunos estão, cada dia mais, apresentando dificuldade de alcançar os objetivos propostos por esses livros, devido às poucas competências alcançadas em séries/anos anteriores. E isso pode ser reflexo da má formação dos professores em relação ao uso do livro didático ou desse tipo de material pedagógico, e ao trabalho com a diversidade dos gêneros, que é tão respeitado por teóricos e pesquisadores e não tem despertado o interesse dos alunos. Enfim, são questões que não cabem a esse estudo responder, talvez a outro, mas percebemos as angústias das pesquisadas ao relatarem o problema de aprendizagem dos alunos, o que dificulta o trabalho com o livro didático de Língua Portuguesa na escola. De outro modo, as docentes compreendem a importância desse recurso como suporte pedagógico em suas práticas, pois ele ajuda os alunos na construção do conhecimento da leitura e no processo de interpretação de textos.

Diante de tudo que foi exposto, entendemos que o uso do livro didático na prática docente, de maneira responsável, criativa e crítica, pode contribuir para a aprendizagem dos alunos. Contudo, sugerimos que a escolha do livro didático de Língua Portuguesa seja democrática e que os professores tenham acesso à formação continuada, para variar a utilização desse, pois essas etapas são cruciais para um bom andamento do processo de ensino-aprendizagem.

Textbook of Portuguese: a reflection on the contributions and implications in the classroom of early years

Abstract

This article aims to identify and analyze the contributions and implications for the use of the textbook in Portuguese Language teaching practice in the classroom of elementary school - early years. For this, we reflect on the importance of the textbook of Portuguese Language as a tool that is present in the classroom in reading and writing teaching, but often has some implications for its use and is used as the only resource in teaching practice, even considering that this does not account for the specificities, diversity and characteristics of each class. The research is a qualitative approach and exploratory, with a questionnaire with open questions, developed in a public school in primary education - initial years of the city of Itapetinga, Bahia and document analysis (textbooks in Portuguese). The survey results showed that the use of the textbook in teaching practice responsibly, creatively and critically contributes to student learning, but suggests that the choice and use of the textbook Portuguese should be followed by continuous training of teachers because these steps are crucial for a smooth running of the teaching-learning process.

Keywords: Teaching practice. Learning. Textbook Portuguese.

Notas

- Nome fictício.
- ² Na Tabela 1, os traços e os espaços em branco deixados significam que os professores não quiseram responder e que não tem a pós-graduação, respectivamente.
- ³ Todas as falas foram mantidas conforme foram escritas pelos respondentes.

Referências

BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. Ápis: letramento e alfabetização. São Paulo: Atica, 2011. v. 2-5.

CABRAL, Ana Catarina dos Santos Pereira; PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves. A consolidação das correspondências letra-som no último ano do ciclo de alfabetização. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: o último ano do ciclo de alfabetização, consolidando os conhecimentos: ano 3: unidade 3/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão. Educacional Brasília: MEC-SEB, 2012, p. 6-19.

CAVÉQUIA, Márcia Aparecida Paganini. Livro didático de Língua Portuguesa: dizeres dos professores. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2011.

COSTA, Josilene Silva da; OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato. A iniciação na docência: analisando experiências de alunos professores das licenciaturas. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 23-46, jan./jun. 2007.

D'ÁVILA, Cristina. Decifra-me ou te devorarei: o que pode o professor frente ao livro didático? Salvador: EDUNEB: EDUFBA, 2008.

LEON, Adriana Duarte. Algumas reflexões sobre gênero e profissão docente. Revista Didática Sistêmica, v. 9, p. 38, jan./jun. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MELO, Paula Cardoso Vaz. A rotina do livro didático e o professor. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. O livro didático de Língua Portuguesa. 2. ed. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2008. p. 15-16.

OLIVEIRA, Joelma Beatriz. O livro didático: ótimo negócio para as editoras. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. O livro didático de Língua Portuguesa. 2. ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. p. 8-10.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Gazólis de. Livro Didático e aprendizado de leitura no início do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PRÓ-LETRAMENTO: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem - formação de professores. ed. rev. e ampl./ Secretaria de Educação Básica - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. Cadernos Pagu, n. 17-18, 2001-2002, p. 81-103.